

MARIA FIRMINA DOS REIS – A VOZ DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: VIDA E MAGNUM OPUS¹

Dominique Amaral De Oliveira², Elita Maria Bianchi Tessari³.

¹ Análise de biografia e obra principal.

² Aluna responsável pelo projeto.

³ Professora orientadora.

Resumo: Este trabalho teve por objetivo difundir a vida e obras de Maria Firmina dos reis, escritora oitocentista maranhense e sua magnum opus “Úrsula” a qual dá voz ao escravo e à mulher negra. Foi utilizada pesquisa bibliográfica acadêmica por meio de referenciais teóricos e crítica especializada. A liberdade de expressão, apesar de muito conhecida e discutida na contemporaneidade, é pouco praticada na época da autora, resultando em uma espessa cortina de silêncio que abafa mentes brilhantes e as oculta da história.

Introdução: Neste presente trabalho, será apresentada a história de Maria Firmina dos Reis, escritora oitocentista maranhense que pode ser considerada a primeira romancista do Brasil além de este ser o primeiro romance da literatura afro brasileira. A obra Úrsula será utilizada como objeto de estudo, pois embora seja ficcional, fornece pistas significativas do cotidiano vivido pela autora e sintetiza questões sociais vividas no período. Tendo a cultura do racismo e machismo tão adjunta à nossa sociedade no decorrer da história, sufocando, silenciando e apagando mentes brilhantes tanto na literatura quanto em outras áreas do conhecimento, é importantíssimo tornar público as vozes que não se calaram e conseguiram concretizar seus pensamentos em obras para que o mesmo grotesco erro não venha a se repetir.

Detalhamento metodológico: No período do mês de Junho de 2016 realizou-se a pesquisa em questão a partir da qual foram extraídas e utilizadas dissertações e teses como referências bibliográficas complementando o já citado romance. Para ter acesso ao Úrsula, encontrou-se grande dificuldade considerando-se que houve pouquíssimas edições da obra, sendo estas esgotadas.

Desenvolvimento: Nascida em 11 de outubro de 1825, na ilha de São Luís, capital da então província do Maranhão, Maria Firmina dos Reis, menina negra e bastarda, foi a primeira voz feminina que registrou a temática do negro com a publicação da obra Úrsula, em 1859. Vivendo em condições de segregação racial e social latentes, aos cinco anos teve que se mudar para a vila de São José de Guimarães, no município de Viamão situado no continente e separado da capital pela baía de São Marcos. Distanciada das efemérides políticas típicas de uma capital no Império, a acolhida que teve na casa de uma tia materna foi fundamental para a sua primeira formação, além do apoio que teve de um primo por parte de mãe, o escritor e gramático Francisco Sotero dos Reis, a quem deve sua cultura, como afirma em diversos poemas. Já adulta, aos vinte e dois anos, Firmina é aprovada em um concurso público para a Cadeira de Instrução Primária na cidade maranhense de Guimarães, função que ocuparia até o início de 1880, ano em que se aposenta e em que funda, aos cinquenta e cinco anos, a primeira escola mista e gratuita do Estado, retornando, assim, à sala de aula. É, portanto, algo pouco factível para as mentalidades da época e que evidencia o fato de ser uma educadora consciente do seu papel de mulher, com responsabilidades históricas, e com um pensamento adiantado para o seu tempo.

Como era comum numa época em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, Maria Firmina omite seu nome tanto na capa quanto na folha de rosto de Úrsula, ali consignando apenas o pseudônimo “uma maranhense” valendo ressaltar que à estética romântica a figura do autor era bastante cara não sendo comum tal escolha. Desta forma, a ausência do nome,

Modalidade do trabalho: Relatório Técnico-científico

aliada à indicação da autoria feminina e, ainda, a procedência da distante província nordestina, juntam-se ao tratamento simbólico dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro. No ano seguinte a publicação de seu primeiro romance, Firmina passa a colaborar em jornais locais com textos poéticos divulgando, n' *A Imprensa*, um primeiro poema utilizando as iniciais M. F. R. Em 1861, a autora participa da antologia poética *Parnaso Maranhense*, e o jornal *O Jardim dos Maranhenses* dá início a publicação de seu segundo romance, *Gupeva*, de temática fortemente indianista, dessa vez, veiculado em forma de folhetim, prática recorrente ao período. Tendo em vista a boa aceitação da obra, em 1863, o jornal *Porto Livre* republica o romance *Gupeva*. Em 1865, a autora brinda o seu público leitor, em momentos diversos, com o lançamento de novos poemas e, uma vez mais, o romance *Gupeva* é reimpresso, agora pelo jornal *Eco da Juventude*. Suas publicações chamam a atenção de leitores e repercutem nos meios intelectuais. É de se supor que a autora já era reconhecida, admirada e apreciada por seus escritos e pela ousadia de pensar e realizar coisas, considerando o contexto, não muito comuns a uma mulher de origem afrodescendente vivendo fora dos perímetros da Corte: três publicações de uma mesma obra, além de diversos outros textos, em curto espaço de tempo e em diferentes jornais.

A despeito dos obstáculos impostos, Maria Firmina dos Reis, supera as adversidades e firma-se como formadora de opinião. Rompendo com as barreiras do que hoje conhecemos por chauvinismo masculino e manifestando o exemplo de sabedoria e determinação, continua fértil em sua produção literária, trazendo a lume, em 1871, os poemas de *Cantos à beira-mar*. Anos mais tarde, em 1887, num período em que a instituição da escravidão passava de “mal necessário” a “problema que exigia solução”, no auge da campanha abolicionista, Firmina lança n' *A Revista Maranhense*, nº 3, além de novos poemas, o conto *A Escrava*. Vale dizer que o texto é mais um ato intelectual de consciência social contra o estigma dos negros no Brasil, do que um manifesto, propriamente.

Para completar sua trajetória, além de ter contribuído de maneira significativa na imprensa maranhense com ficções, crônicas e até enigmas e charadas, atuou como folclorista, na recolha e preservação de textos da literatura oral, e atuou, também, como compositora, sendo responsável pela elaboração, com letra e música, do *Hino da libertação dos escravos*, em 1888.

Acontece, contudo, que os anos se passaram e, mesmo tendo ocupado um lugar proeminente no cenário cultural oitocentista, tomando com as mãos a aspiração de, através da literatura, contribuir para a construção de um país sem opressão, Firmina ficou esquecida, muito provavelmente, por conta de um possível silêncio ideológico das elites condutoras da vida brasileira. Faleceu em 11 de novembro de 1917, cega, pobre e sem nenhuma honraria.

O romance *Úrsula* teve sua primeira publicação em 1859, voltando a ser “descoberto” em sua versão original em 1962, em um sebo na cidade do Rio de Janeiro, pelo historiador e bibliófilo paraibano Horácio de Almeida. Tendo percebido a importância histórica e literária da obra, preparou em 1975, uma edição fac-similar do texto, doou seu achado ao Governo do Estado do Maranhão. Desde então, foram publicadas mais duas edições do livro, nos anos 1988 e 2004, respectivamente. No prólogo à sua edição, porém, Almeida salienta a ausência da escritora nos estudos críticos dedicados à literatura maranhense. Possivelmente, por ter sido redescoberta tardiamente, ficou esquecida também entre os cânones da literatura brasileira.

Também no ano de 1975 é publicada a biografia *Maria Firmina*, fragmentos de uma vida, de Nascimento Morais Filho (professor, poeta, jornalista e folclorista maranhense que também resgata os demais documentos de Maria Firmina na Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís, em 1973), e Josué Montello, conterrâneo da autora, dedica-lhe artigo no *Jornal do Brasil*, posteriormente publicado em espanhol na *Revista de Literatura Brasileira*.

Úrsula foi o primeiro romance de autoria afrodescendente da literatura brasileira, o qual se apresenta como pioneiro no tratamento da escravidão, visto que esta é narrada a partir da perspectiva dos escravos. Neste romance, a autora dá voz para que relatem, a partir de suas

Modalidade do trabalho: Relatório Técnico-científico

memórias (não só de sua terra natal, mas da travessia até chegar ao Brasil), a violência a que os escravos eram submetidos.

Situando-a, todavia, no contexto de produção da narrativa folhetinesca, a escritora se apropria da tecnologia de gênero constituída pelo romance de fácil degustação popular, a fim de utilizá-la como instrumento a favor da dignificação dos oprimidos – em especial a mulher e o escravo. O triângulo amoroso formado pela jovem Úrsula, seu amado Tancredo e pelo tio Comendador (que surge como encarnação de todo o mal sobre a terra), ocupa o plano principal das ações. Além de assassinar o pai e abandonar a mãe da protagonista por muitos anos entevada numa cama, o Comendador compõe a figura sádica do senhor cruel que explora a mão de obra cativa até o limite de suas forças. Ao final, enlouquecido de ciúmes, o vilão mata Tancredo na própria noite do casamento deste com Úrsula, o que provoca a loucura, o posterior falecimento da heroína e o inconsolável remorso que também leva o tio à morte, não sem antes passar pela libertação de seus escravos e pela reclusão num convento. O texto descarta o final feliz e a fim de estabelecer a empatia com o público. Conclusões: Em Úrsula, Maria Firmina dos Reis aborda a temática da escravidão de uma forma inovadora. Através da obra literária, a autora tem uma atitude política de denúncia das injustiças vividas na sociedade patriarcal brasileira do século XIX, principalmente pelas mulheres e pelos escravos mesmo antes da abolição da escravatura. Nesta obra, Maria Firmina dos Reis relata a escravidão sob o ponto de vista dos escravos, dando a estes, voz para que pudessem relatar suas memórias através da ficção, não apenas da sua terra natal, mas da travessia desta até chegar ao Brasil, a violência a que os escravos eram submetidos, e ainda, é usando a voz de uma escrava, que Maria Firmina dos Reis questiona a alforria, a possibilidade de ser “livre” em um país escravocrata como era o Brasil no século XIX.

Referências:

ANDRETA, Bárbara Loureiro. A Voz e a Memória dos Escravos: Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/identidade>>. Acesso em: Junho. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: Junho. 2016.

ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO. XV. 2012, São Gonçalo, Anais. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1336343964_ARQUIVO_AHISTORIAH_OJE.pdf>. Acesso em: Junho. 2016

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. 3 ed. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo; Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

ZIN, Rafael Balseiro. Literatura e afro descendência no Brasil dos oitocentos: uma proposta de investigação a partir da análise interna do romance Úrsula (1859) de Maria Firmina dos Reis. In: Seminário de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2., 2013. São Paulo. Projeto de Pesquisa... São Paulo: V Seminário de Iniciação Científica e II Seminário da Pós-Graduação, 2013.

Modalidade do trabalho: Relatório Técnico-científico



Maria Firmina dos Reis